

CHRESTOTES – A Benignidade Divina

A quinta virtude no fruto do Espírito é chréstotés. Em Gálatas, se traduz por "benignidade.", idem em 2 Co 6.6; Ef 2.7; Cl 3.12; Tt 3.4.

a tradução em português é geralmente "benignidade", com "bondade" como outra alternativa.

Alguns dizem a respeito de chréstotès: "é uma bela palavra para a expressão de uma bela graça". Outros a traduzem por bonitas. A Bíblia Católica Romana de traduz por benignidade e por doçura.

Diz-se que nos homens é ;"a gentileza simpática ou doçura de gênio que deixa os outros à vontade e recua diante da ideia de provocar dor".

É uma palavra que chegou ao vocabulário cristão com uma história importante. Marco Aurélio a usa para descrever Deus. Fala da benignidade com que Deus tem glorificado ao homem. Fala do dever do homem de perdoar o pecador e o néscio, e diz que isto é um dever porque os deuses são são benignos, porque eles também perdoam ao pecador. Os filósofos pagãos cantavam os louvores da virtude da benignidade. Marco Aurélio estipula que "a benignidade é irresistível, quando é sincera e não é um sorriso fingido ou uma máscara colocada". Epíteto diz que um homem perde a própria essência da varonilidade, a qualidade distintiva que faz dele um homem, quando perdeu sua benignidade. Diz que conhecemos a moeda e sabemos a quem uma moeda pertence pela impressão existente nela; e depois diz que sabemos que o homem pertence a Deus quando tem em si o carimbo da benignidade.

Até mesmo os filósofos pagãos teriam definido que é a benignidade que torna o homem semelhante a Deus.

Mas é na LXX que são usadas mais comumente a respeito de Deus do que qualquer outra pessoa. É uma revelação que deve nos trazer alegria o fato de descobrirmos que Deus é benigno aos Seus filhos.

Frequentemente o salmista canta: "Rendei graças ao SENHOR, porque ele é benigno, porque a sua misericórdia dura para sempre" (Sl 106.1; 107.1; 136.1; Jr 40.11). O que comove o coração do salmista não é a bondade moral de Deus, mas a Sua pura benignidade. Seu único direito aos dons de Deus e sua única esperança de perdão, acham-se no fato de que Deus é benigno; sua oração é para que Deus o ouça e para que lhe seja misericordioso porque Ele é benigno (Sl 69.16; 86.3; 100.5; 109.21). "Lembre-te de mim", ele ora, "segundo a tua misericórdia, por causa da tua benignidade, ó SENHOR" (Sl 25.7).

Os sacerdotes e os levitas cantam seu louvor a Deus porque Sua benignidade e glória estão para sempre em todo Israel.

A bondade de Deus não é uma santidade moral que provoca no homem um recuo aterrorizado; é uma benignidade que o atrai a Ele com amor.

O AT vê esta benignidade de Deus expressa de certas maneiras.

i. A benignidade de Deus é expressa na natureza. "Também o SENHOR dará benignidade," diz o salmista, "e a nossa terra produzirá o seu fruto" (SI 85.12). Quando Deus abre a Sua mão, os homens ficam satisfeitos com a benignidade (SI 104.28). A liberalidade da natureza é a expressão da benignidade de Deus.

ii. A benignidade de Deus expressa-se nos eventos da história. O salmista divulgará a memória da benignidade de Deus (SI 145.7). Dá graças a Deus por aquilo que Deus tem feito; o nome de Deus é bom, benigno, diante dos santos (SI 52.9). Deus foi adiante do rei com bênçãos da benignidade e pôe-lhe na cabeça uma coroa de ouro puro (SI 20.3).

iii. A benignidade de Deus expressa-se até mesmo nos julgamentos divinos. O salmista ora: "Afasta de mim o opróbrio, que temo, porque os teus juízos são benignos" (SI 119.39). Se os julgamentos de Deus fossem apenas moralmente bons, logo, não sobraria nada senão o medo; mas os juízos de Deus são benignos, e nisto temos a nossa esperança.

iv. A benignidade de Deus expressa-se na instrução divina. "Tu és benigno," diz o salmista a Deus, "na Tua benignidade, portanto, ensina-me os teus decretos" (SI 119.65-68). Deus é reto e benigno, e por essa mesma razão, instruirá os pecadores a respeito do caminho (SI 25.8). A benignidade de Deus expressa-se na revelação da Sua vontade e santidade diante dos homens.

v. A benignidade vem de maneira muito especial para certas pessoas. Vem para os que se sentem aflitos. O Senhor é benigno para com aqueles que se refugiam no dia da sua angústia (Na 1.7). Vem para os que são pobres, para aqueles que conhecem muito bem a sua própria incapacidade e insuficiência. Deus na Sua benignidade preparou para os pobres (SI 68.10). A benignidade vem para aqueles que esperam e confiam em Deus. O apelo do Salmista é no sentido de que os homens provem e vejam que Deus é benigno, e que a alegria vem ao homem que coloca nEle a sua esperança (SI 34.8). Vem para aqueles que O reverenciam e temem. Há grande benignidade reservada para os que temem a Deus (SI 31.19). Vem para aqueles que esperam em Deus. O Senhor é benigno para com os que esperam nEle (SI 145.9).

vi. Portanto, não é surpreendente que o fato de possuir este tipo de benignidade torna o homem bom, e que negligenciá-la traz a condenação divina. A lamentação do salmista é por não haver ninguém que pratique a benignidade, e por não haver ninguém que é benigno, nem sequer uma só pessoa (SI 53.3). Confia no Senhor, diz o salmista, e faze o bem. Espera no Senhor, e sê benigno (SI 36.3). A tragédia da vida é que não há ninguém que pratique a benignidade (SI 13.1, 3). O homem bom e benigno é aquele que se compadece e empresta (SI 112.5).

Importar-se com os outros faz parte da própria essência da vida virtuosa; ser bom é ser benigno, e ser benigno é ser bom.

vii. Finalmente, no que diz respeito ao AT, podemos notar que a palavra benignidade pode descrever algo muito precioso, porque em Ezequiel é usada duas vezes para descrever pedras preciosas (Ez 27.22; 28.13); e que pode descrever algo que é bom e útil, porque em Jeremias é usada para descrever figos bons em contraste com frutos podres (Jr 24.2, 4, 5). Isto realmente acrescenta algo ao significado da palavra, porque pode existir uma benignidade que enfraquece e debilita, mas a benignidade que o AT exige da parte dos homens e constantemente atribuída a Deus é proveitosa, preciosa e saudável.

Agora voltemo-nos para as ocorrências das palavras no NT.

i. O NT também fala da benignidade e da longanimidade de Deus (Rm 2.4), e Paulo pode somente condenar o homem que não vê que esta benignidade de Deus visa conduzir-nos ao arrependimento (Rm 2.4). Na realidade, deve ser assim: a própria benignidade de Deus é a dinâmica da bondade cristã. Pelo fato de que os homens tiveram a experiência de que o Senhor é benigno, devem deixar de lado todas as coisas pecaminosas (1 Pe 2.3). Nunca deve-se considerar que a benignidade de Deus oferece oportunidade para pecar; é uma coisa terrível procurar tirar dela proveito indevido. De qualquer maneira, esta benignidade de Deus não é algo sentimental e negligente, porque juntamente com ela está a severidade de Deus (Rm 11.22). Em Deus há uma combinação de força e suavidade.

A benignidade de Deus é universal, porque Deus é benigno até mesmo para com os ingratos e maus (Lc 6.35). A verdade é que é impossível viver no mundo e desfrutar da luz do sol sem experimentar a benignidade de Deus; não há homem que não tem dívida para com esta benignidade porque ela é manifesta de modo universal, não de conformidade com o merecimento dos homens, mas segundo a liberalidade de Deus em dar.

A benignidade de Deus tem um poder salvífico. É a benignidade de Deus, nosso Salvador (Tt 3.4). É uma benignidade que perdoa os pecados do passado e que, mediante o Espírito Santo, fortalece os homens para a benignidade no futuro. Não somente perdoa o pecador; também o transforma em um homem bom. É por isso que a benignidade de Deus para conosco é exemplificada e demonstrada, acima de tudo, em Jesus Cristo (Ef 2.7). A vinda de Jesus Cristo é o ato supremo da benignidade de Deus, e em Jesus Cristo esta virtude é encarnada no ser humano.

ii. Assim como no AT, também no NT a benignidade é uma característica da vida virtuosa. Paulo cita o salmista, dizendo que a tragédia da vida é que não há quem faça o bem, não há quem seja benigno (Rm 3.12).

O perigo da vida é que as más companhias corrompem os bons costumes que o cristão sempre deve ter (1 Co 15.33). Esta benignidade é uma das coisas que o cristão deve vestir como parte da vestimenta da vida cristã (Cl 3.12).

É com esta benignidade que os cristãos devem perdoar uns aos outros, e este perdão segue o modelo que nós mesmos recebemos de Deus. "Antes sede uns para com os outros benignos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou" (Ef 4.32). Até mesmo as virtudes mais rigorosas perdem seu valor se esta benignidade não estiver presente na vida (2 Co 6.6).

Ainda restam mais duas ocorrências da palavra no NT, que faltam ser estudadas, e que têm mais para acrescentar ao quadro desta palavra. Em Lc 5.29 chrêstos é usado para o vinho que se envelheceu e amadureceu. A dureza, aspereza e amargura foram banidas pela benignidade cristã, e a graciosidade madura do amor cristão permanece. Em Mt 11.30 Jesus diz: "Meu jugo é suave." Ali, chrêstos pode significar bem-adaptado. O serviço de Cristo não é autoritariamente imposto sobre um homem; não age como um capataz de escravos; é algo benigno, e a tarefa que Cristo dá a um homem lhe é feita sob medida.

A benignidade cristã é bela e amável, e o seu encanto provém do fato de que ela significa tratar os outros do modo que Deus nos tratou.